



RDL

REDE BRASILEIRA
DIREITO E LITERATURA

ENTREVISTA COM SERGIO RAMÍREZ

O DIREITO DEVERIA SER UMA PROFISSÃO HUMANÍSTICA

POR DIETER AXT¹



Nascido em 1942, em Masatepe, na Nicarágua, Sergio Ramírez é escritor, advogado e jornalista. Ramírez foi revolucionário sandinista e compôs, em 1977, o Grupo dos Doze, formado por intelectuais, empresários, sacerdotes e outras lideranças, em apoio à Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Entre os anos de 1985 e 1990, Ramírez exerceu a vice-presidência da Nicarágua, durante o primeiro governo de Daniel Ortega. Em 1995, o escritor abandonou a militância, discordando da guinada ditatorial de Daniel Ortega, que retornaria ao cargo de Presidente da República em 2006, em que permanece até os dias atuais. Em 1999, Ramírez publicou uma de suas principais obras, *Adiós, Muchachos*, em que narra a história da Revolução sandinista e evoca suas personagens históricas.

Os primeiros contos de Sergio Ramírez foram publicados aos 18 anos. Àquela altura, o escritor não poderia imaginar que, em 2017, seria o primeiro centro-americano a vencer o Prêmio Cervantes, o mais importante da Literatura hispânica, outorgado em reconhecimento à sua carreira literária, notável por refletir “a vivacidade da vida cotidiana, transformando a realidade em uma obra de arte”. Em 1998, o escritor já havia recebido o

¹ Mestre em Direito Público na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Roteirista do Programa de TV Direito & Literatura (TV Justiça). Membro da Rede Brasileira Direito e Literatura (RDL). Assistente Editorial da Anamorphosis - Revista Internacional de Direito e Literatura. Escritor e editor da Editora Le Chien. Porto Alegre, Brasil. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1582390811392545>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0976-7326>. E-mail: dieter@rdl.org.br.

Prémio Alfaguara de Romance com a obra *Margarita, está lindo o mar*, sendo agraciado, também, com as importantes honrarias do *Premio Carlos Fuentes*, outorgado pelo Governo mexicano em 2014, e do *Premio de narrativa José María Arguedas*, concedido pela *Casa de las Américas*. Ao todo, publicou 54 livros, traduzidos para mais de 20 idiomas. Dentre suas obras mais aclamadas, incluem-se, além das já referidas, *La manzana de oro: ensayos sobre literatura*, *Antología personal: 50 años de cuentos*, *Cuentos completos* e os romances *Flores oscuras*, *La Fugitiva*, *El cielo llora por mí* e *Sara*.

Dieter Axt – *Formado em Direito, o senhor sempre considerou a escrita a sua verdadeira vocação. No entanto, o senhor se juntou à Revolução Sandinista na década de 70, movimento que culminou com a derrubada da Ditadura Somoza em 1979, dedicando-se especialmente à política nas duas décadas que se seguiram a esse episódio. Conforme o senhor menciona em recente entrevista concedida ao El País, a Literatura não é incompatível nem com a política, nem com a guerra. Como militância política, vivência revolucionária e literatura se comunicam? Ao se tornar engajada politicamente, a literatura perde força?*

A vida junta as funções sem perguntar. Alguém pode ser advogado e escritor, e também médico, engenheiro, ou professor que escreve. A junção ou mistura mais difícil está entre a literatura e a política, pelo compartilhamento do tempo, porque ambas têm apelos urgentes; e no meu caso ainda pior, tratando-se de uma revolução onde não há horários. Mas se alguém tem a necessidade de escrever, essa necessidade se imporá na pior das voragens, e quanto maior o desafio, maior a urgência de escrever. Naquele tempo, o que me premia, e angustiava, era a possibilidade certa de deixar de ser escritor para sempre e daí o estímulo para escrever.

O problema não é esse, mas quando se quer escrever uma literatura comprometida com uma causa, qualquer que esta seja, uma ideologia, um partido. Penso que nenhum bom livro jamais saiu dessa pretensão de converter romance em propaganda de algo. E o que ainda é pior, e que também debilita a escrita até anulá-la, é escrever desde o poder; porque desde o poder não há matizes nem contradições, das quais se compõe a literatura, esta infinita possibilidade crítica que tem um livro de ficção,

onde as personagens são livres para expressar-se. O poder não permite essa liberdade porque nele subjaz uma causa a promover, ou a defender.

Assim, quando, em meio à revolução, decidi retomar a escrita nos anos oitenta, depois de dez anos sem ter escrito sequer uma linha, fui buscar um tema que não tivesse nada a ver com o presente, para que não resultasse um romance de relações públicas, e assim escrevi *Castigo Divino*, que narra a história de um processo criminal contra um acusado de ser envenenador em série. Um fato que tinha ocorrido em 1933, meio século atrás.

Dieter Axt – Há grandes escritores que, a seu exemplo, graduaram-se em Direito, para, em seguida, dedicarem-se ao ofício de escritor. Onde entra o Direito em sua vida? O senhor exerce a advocacia? Há influências da sua formação jurídica na sua produção literária?

Nunca exerci a advocacia, o que teria me agradado muito, porque os julgamentos e as cortes são uma escola de vida; mas eu não servia para isso, para a sordidez dos litígios. O direito me serviu para escrever *Castigo divino*. Tudo o que tinha aprendido na faculdade verti nesse romance: a linguagem forense, as leis e os procedimentos penais, as aulas de criminologia, de medicina legal. O que tinha em mãos, como romance, era um caso, e era preciso tratá-lo como tal, a partir de distintos ângulos: desde a perspectiva das testemunhas, através dos ditames periciais, o exame químico do veneno nos sucos gástricos, as execuções, o exame das vísceras dos cadáveres; o que diziam os cronistas judiciais nos jornais... creio que valeu a pena passar cinco anos na escola de direito só por esse romance.

Dieter Axt – O senhor participou do processo constituinte que originou a Constituição de 1987 da Nicarágua, reconhecida pelo viés democrático. Na sua visão, há um limite a partir do qual a resistência civil passa a se justificar?

Há constituições na América Latina que consagram o direito de rebelião, que se justifica quando o poder fecha as portas do funcionamento do sistema democrático e não deixa saída às pessoas nem para eleger seus governantes, nem para expressar-se ou manifestar-se; quer dizer, quando

desaparecem os direitos fundamentais. E elas não diferenciam se se trata ou não de uma rebelião armada, ou da resistência civil.

Para mim, depois de minhas experiências pessoais, já não creio na luta armada para devolver ao povo oprimido a democracia, porque com frequência resulta que aqueles que empunham as armas para derrotar uma tirania terminam encabeçando outra tirania. Creio na resistência civil, e na Nicarágua não há outra maneira de voltar à democracia. A resistência que leve a um diálogo que obrigue aos detentores do poder a negociar uma saída democrática.

Dieter Axt – O senhor começou a escrever com 16 anos. Àquela época, não poderia imaginar que seria o primeiro centro-americano agraciado com o Prêmio Cervantes... Em que medida autores do porte de Rubén Darío, Miguel Ángel Asturias e Ernesto Cardenal influenciaram a sua formação como escritor?

Cresci à sombra de Rubén Darío, um poeta a quem, na Nicarágua, se lê desde criança, e, como é muito musical em seus versos, aprende-se essa música. Cardenal me ensinou, quando era adolescente, que se podia narrar em poesia, porque sua poesia é muito narrativa, é um verdadeiro cronista em verso. E embora eu tenha deixado de lado a poesia, porque o que queria era contar histórias, tive essa escola de Cardenal que me serviu em muito na minha formação, desde que li *Hora o*, onde conta sobre os ditadores centro-americanos e as rebeliões dos anos cinquenta do século passado. E Asturias foi um renovador das formas de narrar em Centro-américa, muito experimental, muito inovador, desde *Week End en Guatemala*, seus contos, até *Hombres de Maíz*, que é toda uma festa de linguagem.

Dieter Axt – O senhor identifica um traço principal de identidade na cultura centro-americana? De que forma ele se revela através da Literatura?

Temos uma identidade geográfica que nos é dada pela vizinhança imediata, e outra histórica que nos permite passar de um país a outro sem perder o fio narrativo quando se trata de contar acontecimentos do passado, ou do presente. Comemos o mesmo, com variantes, falamos de maneira parecida, nos emprestamos palavras: daí que o mais importante

como traço de identidade é a língua. De toda maneira, penso que identidade é diversidade. A homogeneidade não é identidade.

Dieter Axt – *Quando o senhor ocupou o cargo de Vice-presidente da Nicarágua, entre os anos de 1985 e de 1990, Daniel Ortega foi Presidente. Atualmente, o senhor é conhecido por ser um dos principais dissidentes do regime e uma das vozes mais críticas ao novo governo de Ortega. O que mudou? A literatura pode desempenhar algum papel relevante para o campo de realidade política na qual um país está imerso? Seu mais recente romance Ya nadie llora por mí (Alfaguara, 2017) problematiza o contexto social e político da Nicarágua atual, envolvida no que o senhor já denominou “catástrofe ética”?*

Eu entrei na revolução nos anos oitenta como escritor e saí dela sendo escritor. Nisso nunca mudei. Tenho mudado minha visão juvenil daqueles anos, e hoje não sacrificaria a democracia por nenhuma utopia. A falta de democracia, ainda que em um contexto revolucionário, sempre leva à *extopia*.

A literatura não serve para formular teorias nem para dar lições de conduta política. Serve para contar as vidas dos seres humanos, seus conflitos e suas paixões, e quando estes seres enfrentam o poder, ou vivem sob um poder arbitrário, serve para contar como o poder modifica ou altera as vidas. A relação dos seres humanos com o poder é sempre trágica.

E se neste entremeio houver uma catástrofe ética como a que ocorre na Nicarágua, também há de se contá-la, mas não de maneira retórica, fazendo um discurso, senão que a inserindo na vida das personagens. A personagem de minha saga *noir*, que começa com *El cielo llora por mí*, é um antigo guerrilheiro convertido em investigador policial, que vive sua própria catástrofe ética. Seu mundo de ideias resulta derrotado pelo fracasso da revolução, e ele tem que viver com isso. É sua tragédia. Chama-se Dolores Morales, e isso diz muito acerca de quem é, e o que deve suportar.

Dieter Axt – *De fato, nessa obra de 2017, o senhor recupera a personagem de Dolores Morales, do romance El cielo llora por mí (2008). Essa personagem seria uma espécie de alter-ego seu?*

Somos diferentes, mas é meu alter-ego. Ele foi um guerrilheiro que confrontou com armas; eu não, eu fui um intelectual desarmado na revolução. Mas ambos suportamos a mesma carga e a mesma derrota porque quisemos construir um mundo que no pudo ser.

Dieter Axt – *Na sua visão, a corrupção com a qual se digladia a América Latina é restrita a determinado setor político? O endurecimento da legislação penal e a adoção de políticas de tolerância zero são soluções pertinentes para esse problema? O senhor acredita que há crise de lideranças na América Latina e que essa crise, associada ao cansaço que parcela da população tem demonstrado com o sistema e as Instituições, seria uma ameaça à Democracia?*

A corrupção é um fruto amargo da democracia. Um subproduto indesejado. Não se trata só de endurecer as leis penais para enfrentá-la, mas de tornar possível a institucionalidade de uma maneira integral. Em muitos de nossos países, as instituições são muito frágeis, e isso faz com que a corrupção prospere; e essa fragilidade tem a ver também com as debilidades éticas. Pode parecer a muitos que roubar-lhe ao Estado, que fazer negócios à sua sombra, seja algo natural ao sistema político, e a opinião pública resulta não poucas vezes tolerante e desmemoriada com os corruptos, porque volta a elegê-los.

Dieter Axt – *No ano de 2008, o senhor foi vítima de censura oficial. Em carta ao El País, o Instituto Nicaraguense de Cultura condicionou a cessão de direitos de publicação da obra do poeta Carlos Martínez Rivas à exclusão do prólogo que o senhor escreveria. Em protesto, o editorial El País retirou a antologia poética de Martínez Rivas do catálogo de publicação. Naquele mesmo ano, o senhor também foi impedido de apresentar o seu romance El cielo llora por mi (Alfaguara, 2008), na Universidad Nacional Autónoma de Nicaragua. Como o senhor lidou com essas situações?*

Não esquecendo que vivemos sob um regime que, além de autoritário, depende de receios e de caprichos que vêm de muito alto. Nessas águas, é preciso navegar para aprender a viver dentro destas fronteiras cada vez mais estreitas. Outros se deram pior. Há jornalistas no exílio, lhes foram confiscados os seus meios de comunicação, ou se lhes foram incendiados. O *Nuevo Diario* fechou porque o papel para

imprimi-lo está retido na alfândega, e o mesmo acontecerá com o jornal *La Prensa*.

Dieter Axt – *Ao longo de sua trajetória literária, o senhor utilizou, como pano de fundo, diferentes períodos da história da Nicarágua, abordou a violência e as relações de poder, temas frequentes em sua produção. No entanto, o senhor já afirmou que não consegue “pensar na escrita sem humor, sem o riso”. Como tratar temas tão sérios numa perspectiva bem-humorada? O riso pode ser solução para o fanatismo e para a rigidez ideológica?*

O riso é um intermediário essencial para tomar distância na escrita. O verdadeiro humor existe quando alguém aprende a rir de si mesmo, o que é imprescindível para saber rir-se dos outros, começando pelos que têm o poder. Os fanáticos sempre têm cara séria. E o poder que acredita dominar tudo nunca tem senso de humor, essa é uma vantagem, porque nesse sentido ele se encontra desarmado. E quando trata de defender-se do riso, fica ridículo.

Dieter Axt – *Para encerrar, quais são os seus autores favoritos e que livros o senhor recomendaria como leitura obrigatória para os juristas?*

As ordenações que Dom Quixote escreve a Sancho dando-lhe conselhos de bom governo quando é nomeado governador da ilha de Baratária deveriam ser ensinadas nas escolas de direito. Stendhal dizia que cada manhã lia um artigo do código civil napoleônico para exercitar-se na exatidão da prosa. E entre os livros baseados em casos judiciais, *O vermelho e negro*, é uma obra mestra. Ou *Crime e castigo*, de Dostoiévski, ou *Uma tragédia americana*, de Theodore Dreiser.

Mas um jurista não tem por que ler só livros jurídicos, mas sim todos aqueles que o exercitam no humanismo, pois o direito deveria ser uma profissão humanística: *Elogio da loucura*, de Erasmo; o próprio *Quixote*; aqueles livros que têm a ver com o poder, como *Édipo rei*, ou *Rei Lear*..

Tradução de Rolando Axt